

ESPORTES DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: realidade, necessidades e possibilidades

Mauro José de Souza¹
Joás Dias de Araújo Cavalcante²
Jorge Carlos Schwingel³

Resumo:

O presente estudo teve como objetivo investigar a presença do conteúdo esportes de aventura na Educação Física escolar, justificando sua importância, inserção e permanência neste contexto, buscando aproximações entre a utilização deste conhecimento e a formação acadêmica em Educação Física. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo de natureza quali-quantitativa, cuja amostragem constou de 13 professores de Educação Física da rede estadual de ensino da cidade de Barra do Garças-MT. O instrumento utilizado foi entrevista oral, que coletou informações sobre o conhecimento e utilização deste conteúdo. Os dados foram registrados através de um gravador portátil nos locais de atuação de cada participante. Como resultados, 38,5 % afirmaram ter vivenciado este conteúdo em sua formação acadêmica, atestando sua utilização em suas práticas pedagógicas. Afirmaram ainda praticar algum tipo de esporte de aventura no seu dia-a-dia. As modalidades mais citadas foram os esportes terrestres, com destaque para o *slackline*, rapel e trilhas. Apesar de todos os participantes reconhecerem a importância do conteúdo esporte de aventura nas aulas de Educação Física, afirmaram não possuir aporte teórico suficiente para esta inclusão. Utilizando a premissa do materialismo sócio histórico e dialético, podemos concluir que o conteúdo esporte de aventura necessita de uma maior atenção e teorização neste contexto. A vivência deste conteúdo, associada a uma maior reflexão sobre esta prática, pode ser determinante para uma futura inserção deste como agente de formação cidadã na Educação Física escolar.

Palavras-chave:

Esporte de Aventura, Educação Física Escolar, Ensino

ADVENTURE SPORTS IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: REALITY, NEEDS AND POSSIBILITIES

Abstract:

The present study aimed to investigate the presence of adventure sports in school physical education, justifying its insertion and permanence, seeking to approximate the use of it and the academic formation of Physical Education professionals. For that, a qualitative-quantitative field study was carried out. The sample consisted of 13 Physical Education teachers from the state schools of Barra do Garças-MT. An interview was the instrument to collect information about the knowledge about adventure sports and the use of it. The interview data was recorded on a portable recorder and they happened at the work place of

¹ Mestre em Educação pela UNITRI. Docente do curso de Educação Física do Campus Araguaia UFMT. E-mail: maurosouza@ufmt.br

² Mestre em Biociências pela UFMT. Docente do curso de Educação Física do Campus Araguaia UFMT. E-mail: joasdac@gmail.com

³ Graduando em Educação Física pela UFMT/CUA. E-mail: jorgeschwingel@gmail.com

each subject of the study. The results showed that only 38.5% had contact with this kind of content in their academic formation. All the subjects in this group affirmed that they still use this content, they still practice some kind of adventure sport. The most mentioned types were related to the terrestrial sports, emphasizing the slackline, rappelling and tracking. Despite all subjects claimed to be important having adventure sports content in their classes plan, but they showed to have little real knowledge of how to insert it in their teaching plans. Some of them justified that they don't use it in their teaching plans because they lack specific knowledge about the subject. We can, therefore, conclude that the adventure sports content is relevant to the context, and its presence in the formation process of the Physical Education professional needs to be rethought because the contact with the content during professional formation showed to be determinant for the future utilization in the context of physical education in schools.

Key words:

Adventure Sport, Physical Education, school, teaching.

Introdução

Na atualidade, diante de condições cada vez mais desumanas que permeiam as relações de trabalho e sobrevivência, percebemos um movimento cada vez mais crescente de 'retorno às origens', de reintegração do homem ao seu espaço natural. Como uma tentativa de se livrar das condições diárias de estresse e mecanização, as atividades ao ar livre e na natureza tem ganhado cada vez mais popularidade e importância.

Na direção deste pensamento, este estudo se propôs a investigar a presença do conteúdo esportes de aventura na Educação Física escolar, justificando sua importância, inserção e permanência neste contexto, buscando aproximações entre a utilização deste conhecimento e a formação acadêmica. Entendendo que estas relações não são explicitadas de maneira isolada, mas a partir de relações dialéticas através das quais podem ser entendidas em sua complexidade, partimos do pressuposto do materialismo socio histórico para a discussão e entendimento das questões apresentadas, tendo como ancoragem as teorias críticas do conhecimento.

Na esteira deste entendimento, podemos afirmar que a íntima relação entre o homem e o movimento vem desde os primórdios, quando estes utilizavam o movimento corporal para fugir de animais predadores e lutavam por áreas e regiões em que disputavam domínios no início das coletividades. Tudo começou quando o homem primitivo sentiu a necessidade de lutar, fugir ou caçar para sobreviver. Assim, o homem, à luz da ciência, executa os seus movimentos corporais mais básicos e naturais, desde que se colocou de pé: corre, salta,

arremessa, trepa, empurra, puxa, método natural que foi defendido por Georges Herbert (1875-1957).

No seu processo de evolução histórica, gradativamente o movimento muda suas formas, sistematizando sua prática como decorrência de sua própria adequação às transformações do modo de vida do homem e da vida em sociedade. Assim, atualmente o correr naturalmente como uma necessidade de subsistência vai sendo substituído pelo correr por motivos diversos, dentre eles por simples lazer e/ou por uma necessidade de desenvolvimento e manutenção de um condicionamento físico adequado.

Seguindo esta lógica, os espaços naturais vão sendo substituídos por espaços destinados especificamente para este fim. Rolla *et al.* (2004) afirma que essa tendência mercadológica, oriunda dos países europeus e norte-americanos com grande desenvolvimento nos anos 1970, fomentou o surgimento de academias de ginástica e musculação, influenciando a seleção e aplicação do conhecimento na educação física enquanto área de formação profissional. Esta área de conhecimento até então focada no desporto tradicional, passa a ceder espaço para outros conteúdos, como por exemplo atividades de treinamento físico, ginástica aeróbica, esportes de aventura, dentre outras. Bossle, (2009), afirma que em 1990, novas tendências surgem no mercado, *o personal training*, com um atendimento personalizado, atendendo a pessoas com necessidades específicas. Esse campo profissional vem crescendo exponencialmente desde então, não se limitando ao contexto da graduação, mas alimentando cursos de extensão e pós-graduação, oferecendo um novo olhar sobre a prática pedagógica do profissional de Educação Física.

Paradoxalmente a esta valorização da atividade física *'indoor'*, temos percebido ultimamente uma tendência mundial de *'retorno às origens'*, uma espécie de desaceleração de hábitos e costumes que foram sendo padronizados e mitificados ao longo das décadas. Nesse sentido, o ser humano, tem buscado maior valorização das questões naturais e simples. A procura pelas atividades físicas em ambientes fechados volta a ceder espaço para as atividades ao ar livre e em completa sintonia com a natureza, peça fundamental deste novo pensamento.

Neste cenário, o esporte de aventura surge como uma prática diferenciada do desporto, inovando conteúdos e se aproximando das novas tendências pedagógicas que norteiam as concepções emergentes relativas à formação profissional no campo da Educação Física, ao mesmo tempo em que se aproxima desta nova vertente social de retorno às questões naturais e ecológicas. Apesar de sua prática estar predominantemente vinculada a contextos fora da academia e realizada em situações de puro pragmatismo, o esporte de aventura se

mostra como um dos conteúdos que caminham na direção de uma formação crítica, vinculada ao desenvolvimento de valores para a formação cidadã, o que imprime relevância a este estudo.

1. Esporte de Aventura

Como um desdobramento do próprio movimento corporal, as práticas corporais de aventura realizadas naturalmente junto à natureza são tão antigas quanto o homem, porém os esportes de Aventura sistematizados surgiram em 1970 e viriam a se consolidar mundialmente em 1990. Betrán (2003) relata estudos sobre essas práticas, descrevendo-as como fundamentadas no deslize sobre superfícies naturais, buscando equilíbrio e energias da natureza de diferentes riscos, classificadas em distintas modalidades. De acordo com este autor, atualmente esses esportes podem ser classificados em três categorias: aéreos, terrestres e aquáticos, todos com graus de riscos calculados, conforme estilo e gosto de cada um, facilitando a democratização de sua prática e favorecendo sua disseminação.

Matsudo e Matsudo (2000), afirma que tais práticas de atividades contribuem para redução de transtornos depressivos, auxilia no aumento do bem-estar das funções cognitivas, da autoestima, se apresentando como um agente capaz de combater a ansiedade, a depressão e o estresse, tão comuns nos dias atuais. Tahara, Caeniceli Filho (2013) afirma que as atividades de aventura, a partir do final da década de 1990 e início de 2000, têm conhecido um expressivo crescimento, tanto na questão de sua prática em geral, e na veiculação de informações e imagens, como em estudos e pesquisas.

Esta temática referente ao Esporte de Aventura vem se consolidando junto à comunidade acadêmica e científica, estando presente em concursos públicos, congressos e fóruns de discussões e debates. Não obstante seu crescimento e valorização no contexto acadêmico, nas escolas, sobretudo vinculados às aulas de Educação Física, esta prática tem se mostrado inexpressiva.

Autores como Alves e Corsino (2013), defendem a inclusão das atividades de Aventura na escola por considerarem tais atividades desafiadoras, possibilitando novos significados dentro da cultura corporal do movimento, influenciando e contribuindo no desenvolvimento do aluno. Assim, conviver com estas atividades, tem representado possibilidades de refletir sobre medos e inseguranças; competências e habilidades, inclusive na educação escolar, viabilizando esforços no sentido de promover debates e reflexões, para

que haja a inserção dessas práticas no âmbito escolar. Atualmente a crescente busca pela proximidade na relação homem/natureza tem contribuído para intensificar atividades ao ar livre e de aventura com os mais diversificados objetivos e pelos mais variados tipos de pessoas, permitindo vivências, emoções e sentimentos que se configuram na contramão da vida estressante percebida na vida moderna, se constituindo em uma atividade física que tem ganhado cada vez mais adeptos. Esta prática tem sido oportunizada à sociedade de modo geral, por profissionais graduados em Educação Física, mas também por leigos simpatizantes com esta prática. Muitas vezes executada de maneira pragmática, esta prática necessita de um maior aporte teórico que lhe dê sustentação.

No contexto escolar, percebemos que muitos professores de Educação Física, na organização de seus planejamentos, acabam por priorizar as grandes modalidades hegemônicas, como o futsal, o voleibol, o handebol e o basquete, ou outras atividades em que, normalmente, o professor tenha domínio. Nessa ótica, sobra pouco espaço para a inserção do esporte de aventura nessas aulas, o que faz com que sua presença neste contexto ainda ocorra de maneira tímida e discreta. Há que se ressaltar que este mesmo fato é reforçado por uma formação inicial e continuada que não privilegiam o esporte de aventura em suas matrizes curriculares.

A Educação Física escolar tem passado por grandes transformações em sua prática desde a década de 1980. Significa dizer que sua prática tem sofrido uma completa resignificação, onde o ser humano em movimento tem sido compreendido cada vez mais em sua amplitude de significações. Se antes o movimento era visto como um fim em si mesmo, e as habilidades físicas compreendidas em seu aspecto puramente técnico e tático, nas atuais correntes pedagógicas que sustentam a área, a atividade física se mostra como um reflexo da realidade social, histórica e cultural, ao mesmo tempo em que pode provocar uma reflexão sobre esses determinantes.

A escola atualmente se apresenta como um espaço dinâmico e em permanente construção e desconstrução. Na materialidade de sua prática pedagógica, muitas vezes se mostra na vanguarda dos grandes debates educacionais postos em questão. No entanto, outras vezes tem se apresentado com total alienação acerca da realidade social vivida. Imersos nesta realidade, os professores são confrontados diariamente com a necessidade de constante atualização de suas práticas, pois a realidade que se apresenta a ele é fluida e plural, exigindo deste profissional uma postura de enfrentamento ao mesmo tempo de recuo; de rigidez ao mesmo tempo de flexibilidade às situações cotidianas do processo educativo. Assim, no

sentido de oferecer uma prática que tenha como premissa a emancipação dos sujeitos envolvidos, torna-se necessário uma formação contínua e sistemática, sobretudo considerando as questões cotidianas que se apresentam no ato de ensinar, as quais devem ser percebidas no âmbito de sua dialeticidade com as grandes questões sociais e políticas do cenário atual. Nessa direção, em decorrência das grandes mudanças ocorridas no capital, as quais apontam na direção da falência dos princípios iluministas, a formação humana não se prioriza mais nos espaços sociais, sobretudo na escola. Assim, o processo de emancipação que deveria ocorrer no processo de escolarização sofre uma espécie de enfraquecimento contínuo no tocante a seus verdadeiros pressupostos epistemológicos. Devido às próprias condições de trabalho disponibilizadas, os profissionais do ensino acabam por privilegiar uma prática conteudista, imediatista e fragmentada, contrariando os próprios pressupostos teóricos que avançam na direção de uma educação que objetiva em essência a emancipação dos sujeitos envolvidos.

Assim, a prática pedagógica atual acaba por se associar ao neo-tecnicismo, influenciando sobremaneira nos processos de formação profissional, favorecendo uma espécie de ceticismo epistemológico capaz de interferir significativamente no desenvolvimento de uma reflexão sobre a realidade social explicitada. Em decorrência disso, suas influências se estendem ao desempenho destes mesmos profissionais, quando analisadas suas atuações nos diferentes segmentos de ensino existentes. Como reflexo desta situação, os professores de Educação Física acabam por se limitar ao oferecimento de suas práticas já legitimadas.

Assim, ressignificar esta prática passa necessariamente por um repensar de atitudes e métodos, mas também pelo conhecimento e seleção de conteúdos que realmente possuam relevância para o contexto a ser aplicado. Nesta linha de raciocínio, os esportes de aventura podem oferecer novos e significativos desafios, tanto para os alunos, quanto para os professores, podendo ser compreendidos como vivências capazes de contemplar os princípios norteadores da cultura corporal de movimento, apresentando-se como um tema de grande relevância para o desenvolvimento das aulas de Educação Física escolar.

Sabe-se que, na maioria das escolas, o professor de educação física tem pouco espaço disponível para o desenvolvimento de suas atividades, apresentando-se os esportes de aventura com grande poder de adaptabilidade a diferentes espaços e formas de execução, propiciando novas vivências aos alunos, sendo inclusive sugerido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) adotados como referência no âmbito escolar. Sabemos, no

entanto, do hiato existente entre as proposições de uma legislação educacional e a concretude da prática pedagógica neste segmento. Enquanto as diretrizes educacionais propõem a formação de um novo cidadão, as condições efetivas disponibilizadas pelo capital para que isto ocorra limitam qualquer ação nesta direção.

Dentro do espaço escolar, várias modalidades vinculadas aos esportes de aventura podem ser adaptadas, como por exemplo a escalada, skate, bike, patins e atividades de orientação. Como sugere Franco (2010), é possível contemplar vivências que proporcionem sensações e experiências que atinjam emocional e significativamente um jovem estudante, mesmo sendo práticas apenas adaptadas às estruturas usuais das escolas, mas plenamente passíveis da ligação do “Saber” com o “Saber Fazer”.

Sendo este um conteúdo possível e porque não dizer necessário ao contexto das aulas de Educação Física escolar, como anda sua presença nesta realidade? De que maneira sua presença tem se configurado nestes espaços? Na tentativa de investigar sobre estas indagações, o presente estudo teve como objetivo investigar a presença do conteúdo esportes de aventura na Educação Física escolar, justificando sua importância, inserção e permanência neste contexto, buscando aproximações entre a utilização deste conteúdo e a formação acadêmica em Educação Física. Tal estudo se justifica na exata medida da necessidade de reconhecimento deste conteúdo como parte integrante dos planejamentos dos professores de Educação Física que atuam no segmento escolar, necessitando para isso, ser valorizado como parte da formação profissional dos mesmos, nos cursos superiores destinados à formação deste profissional.

2. Pedagogia da Aventura

Por meio de saberes, práticas, métodos e princípios da educação podemos exercer a prática de educar e ensinar, além de incentivar a busca pelo conhecimento. A base nacional comum curricular Brasil-BNCC, (2016), nas questões pertinentes às práticas corporais de aventura, sugere identificar a origem dessas práticas, ampliando as possibilidades de reconhecimento de suas características e importância, com vistas à sua emancipação. Nesse sentido, torna-se pertinente identificar seus diferentes tipos de práticas, bem como instrumentos, equipamentos de segurança, indumentária e organização como um todo.

Na pedagogia da aventura também são abordados os quatro saberes propostos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) que funcionam como pilares da educação nas sociedades contemporâneas que são: aprender a

conhecer; aprender a fazer; aprender a viver com os outros e aprender a ser (BRASIL, 2006). Para Pereira e Ambrust (2010), a pedagogia da aventura, atrelada à educação, está intimamente ligada ao entendimento e estimulação das diferentes inteligências, o que podemos proporcionar pelas experiências vividas em situações de aula, estimulando o aprendizado dos conteúdos através das dimensões conceitual, procedimental e atitudinal. A dimensão conceitual refere-se ao que será ensinado, ou seja, o que o aluno deverá aprender em termos de conceitos e fatos relacionados às modalidades; a dimensão procedimental trata-se de como eu vou transmitir os conteúdos, como vou ensiná-los e como eu devo agir diante de uma situação concreta de prática de alguma modalidade, como por exemplo, ser gestor dos procedimentos de segurança e saber utilizar os equipamentos de segurança corretamente. Assim os procedimentos necessários para a execução de cada atividade em específico deverão ser aprendidos de maneira correta e pontual. A dimensão atitudinal contempla o conhecimento e reconhecimento acerca do padrão de atitudes envolvida no ensino e na aprendizagem, relacionando-as ao seu meio e circunstâncias envolvidas no processo. Afirma Franco (2008) que a popularização das atividades de aventura poderia ser muito mais efetiva se iniciada na escola, não só pela Educação Física, mas pelos canais da interdisciplinaridade, discutindo sobre preservação, aspectos geográficos, históricos e físicos das disciplinas. Entendemos que para que isto ocorra, devam ser oferecidas as condições mínimas para que esta prática se concretize, assim como viabilizar o conhecimento e motivação de profissionais para a utilização deste conteúdo.

No que se refere à base nacional comum curricular (BNCC) citada anteriormente, entende-se que em seu escopo está implícita a utilização de conteúdos e métodos que objetivem a formação emancipatória. No entanto em se analisando as condições reais oferecidas pelos estabelecimentos de ensino para a utilização e valorização desta prática, quais os recursos são disponibilizados? Que canais de acessibilidade a programas desta natureza são ofertados? Atualmente a BNCC do ensino médio está em plena discussão, com fortes tendências ao engessamento de ideias e práticas que visem atender aos interesses econômicos da classe dominante. Para que direções apontam estas novas tendências? Qual a base de sustentação de suas novas metanarrativas?

Direcionadas pelos interesses do capitalismo, seus enfoques estão sendo modificados. Estamos vivenciando atualmente um processo político de enxugamento de gastos e corte de despesas, e os setores mais afetados acabam por ser a educação, a segurança pública e a saúde. Assim, o estado objetiva maximizar resultados com o mínimo de gastos.

Isto impacta negativamente em qualquer formação que se pretenda emancipatória, pois tira do processo as condições básicas necessárias para que esta prática ocorra de maneira satisfatória e coerente.

Para além das novas premissas envolvidas na BNCC, a própria estruturação dos currículos de formação inicial a nível de graduação sofre com estas novas diretrizes, pois são obrigados a se adaptar às novas condições de oferta de verbas para projetos e ações acadêmicas essenciais ao desenvolvimento de reflexões críticas, como por exemplo, a extensão e a pesquisa. A título de exemplificação, no debate atual ainda ocorrem cortes em programas como programa de iniciação à docência (PIBID) e a implantação da residência pedagógica, os quais impactam diretamente na formação de novos licenciados.

3. Materiais e Métodos

O tipo de pesquisa utilizada foi de campo com natureza quali-quantitativa, em que buscou identificar a presença do conteúdo esportes de aventura nas aulas de Educação Física da rede estadual de ensino na cidade de Barra do Garças-MT, avaliando a inserção, bem como a justificativa deste conteúdo neste contexto. Para tanto, de um universo de 24 escolas estaduais de ensino fundamental existentes na cidade de Barra do Garças-MT, foram investigados 13 professores, cada um representando uma respectiva escola, sendo 7 do sexo feminino e 6 do sexo masculino.

Todos os sujeitos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, formalizando sua participação na pesquisa. Foram excluídas da coleta de dados 10 escolas por se tratarem de escolas rurais e indígenas, de difícil acesso. Um dos professores se recusou a participar, negando-se a conceder a entrevista oral, instrumento de coleta de dados comum a todos os sujeitos envolvidos nesta pesquisa. Foi realizada entrevista semiestruturada, com perguntas referentes ao conhecimento sobre o esporte de aventura, sua utilização e possibilidades de trato pedagógico nas aulas de Educação Física escolar. Os dados foram coletados através de um gravador portátil pelos próprios pesquisadores, armazenados e analisados posteriormente através da análise de conteúdo proposta por Bardin (2010)

4. Resultados e Discussão

Afim de possibilitar uma melhor compreensão e organização didática acerca do fenômeno pesquisado, os resultados obtidos foram categorizados em três áreas. A primeira categoria refere-se aos dados de identificação: formação acadêmica, tempo de atuação,

prática e utilização do conteúdo esportes de aventura em suas aulas. A segunda categoria refere-se ao conhecimento específico sobre o conteúdo e a terceira categoria refere-se as discussões acerca dos aspectos didático-metodológicos utilizados. Para efeito de análise geral, todas as informações foram consideradas em sua totalidade, sendo os dados discutidos e analisados numa perspectiva abrangente e integradora, associando-se aos elementos teóricos apresentados pela bibliografia consultada. No que concerne à primeira categoria, apresentamos os dados na tabela a seguir:

Sujeito/Idade/ Gênero	Formação Acadêmica	Tempo de Atuação	Vivenciou o conteúdo na formação acadêmica?	Pratica esportes de Aventura?	Utiliza esportes de Aventura em suas aulas?
S1 / 31 anos / Fem.	UFMT	1 ano	Não	Sim	Não
S2 / 44 anos / Masc.	UFMT	13 anos	Não	Não	Não
S3 / 36 anos / Masc.	UFMT	8 anos	Não	Não	Não
S4 / 43 anos / Fem.	UFMT	1 ano	Não	Não	Não
S5 / 35 anos / Fem.	PRIVADA	1 ano	Não	Não	Não
S6 / 31 anos / Fem.	UFMT	2 anos	Não	Não	Não
S7 / 30 anos / Fem.	UFMT	3 anos	Sim	Não	Sim (teoria)
S8 / 28 anos / Masc.	UFMT	2 anos	Sim	Não	Sim
S9 / 34 anos / Masc.	UFMT	2 anos	Sim	Não	Sim
S10 / 26 anos / Fem.	UFMT	3 meses	Não	Não	Não
S11 / 32 anos / Masc.	UFMT	1 ano	Sim	Sim	Sim
S12 / 46 anos / Masc.	PRIVADA	1 ano	Não	Não	Não
S13 / 30 anos / Fem.	UFG	7 anos	Sim	Não	Sim (teoria)

A partir dos dados evidenciados na tabela, notamos que 38,5% dos sujeitos afirmaram utilizar o conteúdo em suas aulas e 61,5 % disseram não utilizar. Não foi percebida nenhuma relação entre idade, gênero, local de formação e prática na modalidade com a priorização do conteúdo esporte de aventura nas aulas de Educação Física escolar entre os sujeitos envolvidos.

Quando analisados os locais de formação, apenas dois sujeitos investigados afirmaram ter concluído sua graduação em instituição privada. Uma professora se graduou na UFG e o restante na UFMT. No entanto, há que se destacar o fato de que todos os sujeitos que afirmaram utilizar este conteúdo em sua prática pedagógica são oriundos de instituição pública e vivenciaram em sua formação acadêmica disciplinas ou conteúdos similares. Já os graduados em instituição privada afirmaram não ter vivenciado o esporte de aventura em sua formação inicial.

Através dos relatos obtidos, constatamos que tanto os conhecimentos sistematizados referentes aos esportes de aventura na UFMT quanto na UFG foram oportunizados através de disciplinas optativas, o que explica o fato de alguns profissionais terem vivenciado este conteúdo e outros não, apesar de terem cursado a graduação no mesmo período. Isto nos leva a crer que os conteúdos oferecidos na grade curricular podem exercer influência na sua valorização e conseqüente utilização na futura prática pedagógica do egresso. Quanto ao não oferecimento deste conteúdo por parte das universidades privadas envolvidas, entendemos que mais uma vez parece imperar a lógica de mercado que envolve os cursos de graduação neste contexto, onde os diferentes cursos oferecidos são percebidos como produtos numa relação de produção e consumo. Nesta ótica, os objetivos centram-se na premissa: mais lucro com menor gasto possível. Assim, além de a abordagem ser conteudista, trabalha-se na ótica do currículo mínimo, onde as disciplinas são ministradas minimamente, de maneira fragmentada e descontextualizada.

Salvo algumas poucas exceções, de maneira geral os professores atuantes nesta realidade são de certa forma forçados a se tornarem refém desta lógica de consumo e produção. Por uma analogia simples, é possível entender que nesta lógica não há espaço para o esporte de aventura, o qual ainda se configura como um conteúdo acessório para esta área do conhecimento, sendo portanto, excluído destas matrizes curriculares.

Desconsiderando qualquer etapa de formação complementar, podemos sugerir que a vivência dos conteúdos relacionados ao esporte de aventura na graduação, considerando os dados obtidos a partir deste estudo, se constituiu como agente de motivação para a sua posterior utilização no contexto da Educação Física escolar. Sabemos que a formação profissional em Educação Física é generalista e possui uma grande gama de conteúdos e temáticas em distintas áreas. Sabemos ainda que parte do conteúdo vivenciado na graduação não se constitui como referência na futura atuação pedagógica desses profissionais, sendo muitas vezes desprezado.

Considerando este contexto, embora os sujeitos investigados tenham afirmado possuir poucos conhecimentos específicos sobre o esporte de aventura, este tema se mostrou como um conteúdo relevante, atual e pertinente para o contexto da Educação Física escolar de tal maneira que todos os que vivenciaram esporte de aventura afirmaram fazer uso deste conteúdo em suas aulas, conforme pode ser comprovado a partir das discussões a seguir.

Quando consultados sobre seu conhecimento específico em esportes de aventura, foi percebido um conhecimento limitado no assunto, mesmo considerando os profissionais que afirmaram utilizar este conteúdo em suas aulas. Os que se arriscaram a priorizar o esporte de aventura em suas aulas (35%) afirmaram ter complementado seus conhecimentos com pesquisa e estudos independentes. Os que disseram não utilizar este conteúdo em sua prática pedagógica justificaram sua atitude na falta de conhecimentos sobre o assunto. Mesmo considerando o conteúdo importante para a formação de seus educandos, não se consideraram aptos para ministrar este conteúdo. Afirmaram, no entanto, conhecer várias modalidades classificadas como esporte de aventura, mas esclareceram que esses conhecimentos eram provenientes do senso comum, retratados em reportagens e eventos transmitidos pelos veículos de comunicação de massa, não subsidiando, portanto, uma futura aplicação deste conteúdo, conforme se constata nas respostas transcritas a seguir:

Sujeito 5: “Sinceramente, esporte de aventura só vejo na tv né, prática, prática nenhuma.”

Sujeito 12: “Bom, conheço pela televisão de assistir alguma coisa, escaladas, nomes específicos assim é... rapel, não sei se mountain-bike pode se considerar um esporte de aventura ou radical, mais ou menos são esses assim.”

Nesse sentido, as modalidades de esporte de aventura mais citadas foram *Slackline*, Rapel e Trilhas, curiosamente as que contam atualmente com maior prestígio e divulgação na mídia. Não obstante a isso, outras modalidades foram citadas em menor número, mas que possuem uma relação direta com o cotidiano de grande parte dos professores e alunos, como por exemplo: “Carrinho de rolimã”, Escalada, *Skate*, Patins e Corridas de orientação, sendo de fácil aplicação e adaptação à realidade escolar, mas que, por força das circunstâncias, não se mostram presentes nas aulas de Educação Física escolar.

Auricchio (2009), afirma que muitos professores não possuem qualificação no contexto do esporte de aventura por se tratar de conteúdo recentemente divulgado e incorporado às grades curriculares dos cursos superiores de Educação Física, sendo ainda inexistente em muitos. De acordo com este autor, somente no final da década de 90 esta prática ganha corpo efetivamente. Batista (2005) atesta que os esportes e atividades de

aventura ainda não são temas abordados na maioria dos cursos de formação de professores de educação física no Brasil, mas que, apesar de lenta, a disseminação deste conteúdo neste contexto tem ganhado cada vez maior representatividade.

Na realidade observada, constatou-se que o conteúdo foi oportunizado somente em instituições públicas através do oferecimento de uma disciplina de caráter 'Optativa', não se configurando como uma disciplina de caráter obrigatório. Isso faz com que este conteúdo tenha um menor poder de alcance e importância no sentido de motivar e instrumentalizar os graduandos para uma futura utilização deste conteúdo em suas aulas.

A terceira categoria se materializa como reflexo de toda a discussão permeada nesta análise, sendo uma a consequência da outra. Ao serem consultados sobre a possibilidade de aplicação do esporte de aventura em suas aulas, praticamente a totalidade dos sujeitos afirmou não dispor de conhecimentos suficientes para utilizar o esporte de aventura em suas aulas. Atestam não possuírem recursos adequados e suficientes para o trato metodológico com este conhecimento pedagógico, optando por não o utilizar em seu planejamento, conforme atesta o sujeito 10:

“Aí você me apertou, porque assim como eu não tenho muito conhecimento da área não teria como eu te falar, eu teria que estudar primeiramente para poder aplicar para eles, mas eu não sei te falar assim um planejamento sobre você pegou um tema muito distante da minha realidade.”

Sem desconsiderar as questões específicas do tema abordado, percebemos que este parece ser um problema relativamente usual na formação profissional em Educação Física, seja no âmbito da licenciatura ou no campo do bacharelado. Devido a grande abrangência de áreas e temáticas a que se propõe esta formação, sua retórica continua sendo generalista e superficial. Sendo assim, a falta de profundidade adequada no trato com o conhecimento não atinge apenas ao esporte de aventura, mas pode ser entendida na quase totalidade dos temas abordados no decorrer desta formação inicial.

Neste cenário, o próprio esporte, visto como hegemônico nesta área, é tratado de maneira superficial, para além de outros conteúdos, como por exemplo a dança, a ginástica, as lutas e os próprios jogos, essenciais para este contexto, porém tratados quase sempre com certa superficialidade, de maneira fragmentada de seus determinantes sociais e culturais, legitimando a lógica presente nos valores de uma sociedade desigual e discriminatória.

Considerações finais

De acordo com os resultados deste estudo, foi possível constatar que os professores que tiveram em sua graduação conteúdo relacionado aos Esportes de Aventura reproduzem nas escolas o conhecimento apreendido. No entanto, o percentual de professores que não utilizam este conteúdo ainda se apresenta com um maior quantitativo, justificando esta atitude na falta de conhecimentos específicos capazes de oferecer suporte para o trato pedagógico com este conteúdo em suas aulas.

Alguns relatam falta de condições físicas e espaço apropriado para realização destas atividades, mas isto só nos leva a acreditar que realmente falta nestes profissionais o conhecimento sobre esta realidade, pois grande parte das atividades e/ou modalidades podem ser perfeitamente adaptáveis ao lugar e condições materiais disponíveis na escola, justificando sua prática tendo em vista sua relevância. Extrapolando esta análise, percebemos ainda que a lógica liberal presente no contexto das práticas educacionais de certa maneira induz a um certo comodismo e letargia, capaz de sustentar uma premissa: *“é difícil mudar...então podemos deixar como está...”*

O esporte de aventura atualmente tem se mostrado com alto poder de aceitação social, tanto no que se refere às suas possibilidades de adaptação ao contexto escolar quanto às diversas formas em que o mesmo é utilizado na atualidade: como fonte de renda, lazer, diversão e turismo de negócios. Cabe à Educação Física enquanto área de conhecimento, explorar mais este conteúdo, tendo em vista os grandes benefícios que sua prática pode proporcionar, conforme apresentamos neste texto. Conforme relatado anteriormente, a utilização dos esportes de aventura nas aulas de Educação Física escolar pode representar reais possibilidades de formação transversal, unindo a aprendizagem dos conteúdos próprios da Educação Física enquanto área de conhecimento à formação humana, valorizando e disseminando hábitos de preservação da natureza e cuidado com o meio ambiente.

Ao sugerirmos os esportes de aventura na escola como conteúdo para as aulas de Educação Física, estaremos vislumbrando uma nova possibilidade de ensino, pois, ao oportunizarmos novas vivências, objetivamos despertar maior interesse por parte dos alunos para os conhecimentos em questão, além da valorização de hábitos relacionados à formação para a cidadania. Com tais atividades na escola, estimularemos a participação de todos, permitindo ao praticante confrontar-se consigo próprio, superando limites, ultrapassando barreiras e vencendo desafios, oportunizando experiências, levando isso para seu cotidiano, para além do desenvolvimento de habilidades motoras e oportunizando uma melhor relação com situações de medo ou situações-problema.

Concluímos, nesse sentido, que ao aluno estaria sendo favorecida a compreensão de conteúdo, conceitos e temáticas associadas a uma ampla apropriação de ações e princípios, bem como se espera que seja criado um espaço de mudança de comportamentos de atitudes e valores, estimulando um amplo processo de emancipação. Para os alunos, representaria uma formação muito mais qualificada capaz de dar suporte para uma futura atuação nesta direção; para os professores, uma real oportunidade de sair de sua zona de conforto e reavivar os ideais de uma ação educacional efetivamente comprometida com a formação para a cidadania.

Para tanto, torna-se necessário, entre outras ações, uma maior valorização deste conteúdo na formação profissional, o que seria em tese facilitada pela presença efetiva do esporte de aventura nas matrizes curriculares que cuidam da formação do professor de Educação Física, e em conjunto, promover e oportunizar cursos de formação continuada capazes de motivar a utilização deste conteúdo, capacitando estes profissionais para esta ação.

Referências

ALVES, Carla da Silva Reis; CORSINO, Luciano Nascimento. **O Parkour como possibilidade para a educação física escolar**. Motrivivência, Florianópolis, ano xxv, n. 41, p.247-257, 2013.

AURICCHIO, J.R. **Escalada na educação física escolar: Orientação adequada para a prática segura ef deports** 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Ed. rev. e atual. Lisboa: Edições70, 2010.

BATISTA, L. A. **Atividades físicas na natureza como conteúdo programático de aulas de educação física**. Revista Ação e Movimento, v. 2, n. 2, Rio de Janeiro, ed.atlântica, 2005.

BETRÁN, Javier. **Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: atividades físicas de aventura na natureza**. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa. Turismo, lazer e natureza. Barueri: Manole, p.157-202, 2003.

BOSSLE, C.B. **A emergência do personal training**. Anais do XVI Combrace, Salvador, 2009.

BRASIL, **Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Secretária de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

FRANCO, L. C. P. **Atividades físicas de aventura na escola: uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) Instituto de

Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, UNESP, p. 87-98, 2008.

FRANCO, L. C. P. **A adaptação das atividades de aventura na estrutura da escola.** *Anais...* 5º CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura. São Paulo: Editora Lexia, 2010.

GEORGES HERBERT (1875-1957) Disponível em: [http://www.birafitness.com/historia da educacaofisica.htm](http://www.birafitness.com/historia-da-educacaofisica.htm). Acesso em 01 de fevereiro de 2018.

MATSUDO, V.K.R.; MATSUDO, S.M.M. Evidências da importância da atividade física nas doenças cardiovasculares e na saúde. **Diagnóstico e tratamento**, São Paulo, v.5, p.1017, 2000.

PEREIRA, D. W. AMBRUST, I. **Pedagogia da aventura: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola.** Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.

ROLLA, A. F. L. ZIBAQUINI, N. SAMPAIO, R. F. VIANA, S.O. **Tendência mercadológica**, atividades de Aventura em busca do conhecimento. ed. Fontoura Várzea Paulista SP.2004.

TAHARA, A. K.; CARNICELLI FILHO, S. **A presença de atividades de aventura na educação física escolar.** Arquivos de Ciências do Esporte, 2012.